



O lamento em luto nos poemas consolatórios latinos: o caso das *Siluae* de Estácio

Grief's mourning in Latin consolatory poems: the case of Statius' *Siluae*

Murilo Tavares Modesto¹

<http://orcid.org/0000-0002-5354-4752>
 murilomodesto98@gmail.com

DOI: <https://doi.org/10.25187/codex.v10i1.49868>

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo compreender como as representações do lamento em luto na poesia das *Siluae* de Estácio (c. 45-96 EC) estavam de acordo com a tradição consolatória da poesia latina e com os interesses de seu grupo de leitores. Para tanto, selecionamos quatro poemas como fontes principais: as *Siluae* 2.1, 2.6, 3.3 e 5.1. Apresentamos, primeiro, alguns poemas consolatórios da literatura latina e a retórica poética por uma livre expressão do luto, também comparando essa tradição com a abordagem filosófica sobre a restrição do lamento. Em seguida, analisamos a representação de lamentos nos poemas selecionados das *Siluae* e propomos uma investigação sobre como Estácio buscava atender possíveis interesses dos destinatários com essas representações. Por fim, indicamos que, na luta de representações da literatura latina em torno do lamento em luto, as consolações de Estácio abordaram a retórica poética sobre a livre expressão do luto como uma forma de destacar e elogiar seus destinatários interessados em literatura.

PALAVRAS CHAVE: Poesia consolatória; *Siluae*; Estácio; lamento

ABSTRACT: This article aims to understand how the representation of grief's mourning in the poetry of Statius' *Siluae* (c. 45-96 CE) were in accordance with the consolatory tradition of Latin poetry and with the interests of its group of readers. For that, we selected four poems as main sources: the *Siluae* 2.1, 2.6, 3.3 and 5.1. First, we present some consolatory poems from Latin literature and the poetic rhetoric for a free expression of grief, also comparing this tradition with the philosophical approach to the restriction of mourning. Then, we analyze the representation of mourning in the selected poems of the *Siluae* and we propose an investigation of how Statius sought to meet possible interests of the recipients with these representations. Finally, we indicate that, in the struggle of representations of Latin literature on grief's mourning, the consolations of Statius approached a poetic rhetoric about the free expression of mourning as a way to highlight and praise its recipients interested in literature.

KEYWORDS: Consolatory poetry; *Siluae*; mourning

¹ Mestrando em História no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria (PPGH/UFSM), sob orientação da Profa. Dra. Semíramis Corsi Silva. Membro do Grupo de Estudos sobre o Mundo Antigo Mediterrâneo (GEMAM/UFSM) e do Grupo de Estudos Interdisciplinares em Antiguidade e Tardo Antiguidade (STVDIA/UEM). Bolsista CAPES/CNPq.



Introdução

No campo de estudos sobre as *consolationes*, as consolações romanas, há um interesse proeminente pela produção filosófica sobre o ato de consolar e a escrita consolatória (SCOURFIELD, 2013, p. 1-2). As obras de Cícero (106-43 AEC), por exemplo, foram analisadas para se pensar as expectativas sobre o luto de um homem da elite na Roma Republicana (HOPE, 2017) e podem ser utilizadas para discutir a recepção dos romanos sobre a tradição consolatória da filosofia grega (BALTUSSEN, 2013, p. xv). Entretanto, para uma compreensão maior das nuances dos textos consolatórios antigos, concordamos com David Scourfield (2013, p. 2): é preciso ser mais inclusivo e flexível nas escolhas e nas considerações sobre esse tipo de fonte. Como as obras filosóficas muitas vezes sugerem que o luto deveria ser expresso de forma moderada, uma análise restrita a esses documentos poderia acarretar o erro de generalizar tal posição sobre controlar o lamento para toda sociedade romana. Mas se olharmos para os textos poéticos de consolação, observamos uma outra retórica, voltada para a permissão da lamentação. Entretanto, essa tradição retórica das consolações poéticas latinas ainda é pouco estudada.

Alguns poemas de Públio Papínio Estácio (c. 45-96 EC) figuram entre os poemas consolatórios com tal abordagem sobre a liberdade de lamentar. Nas *Siluae*, uma coletânea de cinco livros de poesia publicados ao longo da década de 90 EC, oito dos trinta e dois poemas podem ser considerados *consolationes*, a saber: as *Siluae* 2.1, 2.4, 2.5, 2.6, 3.3, 5.1, 5.3 e 5.5.² Esses textos foram destinados para sujeitos de grupos das elites romanas, membros do círculo social e literário de Estácio, que estavam enlutados pelo falecimento de entes queridos.

Neste artigo, apresentaremos a retórica consolatória de poemas latinos sobre a liberdade de lamentar e analisaremos como Estácio trabalhou com essa tradição para escrever suas consolações a sujeitos de seu círculo social. Nosso objetivo é compreender como as representações do luto na poesia de Estácio estavam de acordo com os interesses de seu grupo de leitores. Também delimitaremos

² As *Siluae* 2.4 e 2.5 tratam de consolar pelas mortes de um papagaio e um leão, respectivamente, mas, pela retórica sobre o lamento por animais, alguns pesquisadores consideram-nas paródicas e zombadoras (CAWSEY, 1983, p. 72; MYERS, 2002, p. 190-199). Entretanto, concordamos com Jessica Dietrich (2002, p. 99-98) que, se tais poemas tivessem um caráter cômico, a estrutura do segundo livro das *Siluae*, repleto de *consolationes* solenes, não teria coerência e as outras consolações poderiam ser consideradas paródicas por parte dos leitores.

nossa análise aos poemas 2.1, 2.6, 3.3 e 5.1, pois são os documentos com destinatários específicos³, e nos restringiremos às situações de luto pela morte de sujeitos humanos.⁴

Como aporte teórico-metodológico, baseamo-nos nas propostas de Roger Chartier (1990, p. 17-23) sobre *representação e lutas de representação*. Sobre as representações, consideramos as classificações e percepções do mundo social desenvolvidas pelo poeta em conjunto com as ideias e os interesses formados no seio de grupos das elites romanas do período flaviano (69-96 EC), mais especificamente nos círculos aristocráticos interessados em literatura, dos quais Estácio participava. A noção de lutas de representação também é importante porque indica as formas como um grupo busca impor sua concepção e hierarquização do mundo social para determinar as relações sociais. Assim, ao analisarmos as representações de Estácio sobre o lamento de seus destinatários, devemos compreender como tais poemas foram compostos tendo membros das aristocracias romanas em vista e, também, como buscavam afirmar os valores de grupos das elites com gostos literários frente às outras representações de lamento na tradição da retórica consolatória.

Para isso, dividimos o artigo em dois tópicos principais. No primeiro, apresentaremos os principais poemas consolatórios da literatura latina e suas retóricas por uma livre expressão do lamento, abordaremos alguns elementos estruturais da poesia consolatória e compararemos com a abordagem filosófica sobre a restrição do choro em luto. No segundo, analisaremos as representações de lamento nos poemas selecionados das *Siluae*, levantaremos uma proposta sobre o interesse dos destinatários de Estácio nessas representações e trataremos da retórica do poeta para que os enlutados finalizassem a lamentação. Nas considerações finais, retomaremos os aspectos da retórica consolatória na poesia como uma luta de representações sobre o lamento, na qual as *Siluae* de Estácio estavam inseridas para dar destaque e elogiar seus destinatários interessados em literatura. Começamos, então, indicando alguns aspectos gerais do lamento na poesia consolatória latina.

O lamento nos poemas consolatórios latinos

Na escrita poética, as *consolationes* também eram conhecidas como *epicedia*, referindo-se aos epicédios. Esse termo, inicialmente, designava um canto de lamento e, com o tempo, passou a denotar composições poéticas de caráter fúnebre em geral (WERNER, 2014, p. 220). Os epicédios, então, já surgiram como uma literatura que evidenciava a lamentação. Para os romanos, em especial, *epicedium* designava um poema consolatório (WERNER, 2014, p. 220). No prefácio do segundo

³ As *Siluae* 5.3 e 5.5 são consolações que Estácio escreveu para si próprio pela morte de seu pai e de um jovem liberto de sua *domus*, respectivamente.

⁴ Quanto às traduções de obras da Antiguidade, utilizaremos traduções ao português e ao inglês. No caso de edições em língua inglesa, traduziremos ao português a partir do texto em inglês. Em ambos os casos, indicaremos nas notas os editores e tradutores das obras e apresentaremos os trechos da devida citação em latim.

volume das *Siluae*, por exemplo, Estácio apresentou os poemas 2.1 e 2.6 como epicédio e como consolação, respectivamente (*Silu. 2. praef.*, 8, 21). A nomeação nesses termos indica que o poeta reconhecia a tradição precedente da literatura consolatória (NEWMYER, 1979, p. 16).

Além das consolações de Estácio, os principais textos latinos conhecidos no campo de estudos são a *Ode 1.24* de Horácio (65–8 AEC), o poema 3.9 dos *Amores* de Ovídio (43 AEC –c. 17 EC) e a *Consolatio ad Liviam*, obra anônima que por vezes é atribuída a Ovídio (MARKUS, 2014, p. 124). Esses poemas se destacam por uma retórica de endossar a livre expressão do lamento durante o luto, o que é conhecido como o *topos* literário da *insinuatio* (MARKUS, 2014, p. 128).

O poema de Horácio que consola Virgílio pela morte de Quintílio Varo começa questionando a necessidade de restringir a expressão do luto: “Que vergonha ou limite deve haver para o luto por alguém tão querido?” (*Carm. 1.24, 1–2*)⁵. Alguns versos depois, o poeta descreveu o enlutado Virgílio como o homem mais afetado pela morte: “Para muitos homens sua morte [de Quintílio Varo] é motivo de lágrimas, para ninguém mais do que para você, Virgílio” (*Carm. 1.24, 9–10*)⁶.

Já a consolação de Ovídio, escrita à amante do falecido poeta Tibulo, iniciou evocando lamentos de mães pelos seus filhos nas obras de Homero: “Se Mêmnon foi pranteado por sua mãe, se uma mãe pranteou Aquiles, e se tristes destinos são tocantes para grandes deusas, esteja em lágrimas, ó Elegia, e solte teus indignos cabelos!” (*Am. 3.9, 1–3*)⁷. Logo adiante também descreveu uma cena em que o deus Cupido estaria lamentando a morte do poeta: “Veja, o filho de Vênus vem, com a aljava invertida, com os arcos quebrados; e a tocha sem luz, veja, como ele vem lamentável, com mão hostil! Suas lágrimas são pegadas pelas mechas penduradas em seu pescoço, e de seus lábios vem o som de trêmulos soluços” (*Am. 3.9, 6–12*)⁸.

A *Consolatio ad Liviam*, que trata de consolar Lúvia Drusa pela morte de seu filho Nero Druso, também indaga sobre a necessidade de o luto ser expresso de forma controlada logo nos primeiros versos: “E alguém se atreve a dizer-te as condições do luto? Alguém verifica as lágrimas em teu rosto? Ai! Como é fácil, embora essa tristeza tenha tocado a todos, falar palavras corajosas na dor de outra pessoa!” (*Cons. ad Liv.*, 7–10)⁹. Ao longo do poema, uma série de figuras são

⁵ Tradução nossa a partir da edição em inglês de Jeffrey H. Kaimowitz (2008). *Quis desiderio sit pudor aut modus / tam cari capitis?*

⁶ Tradução nossa a partir da edição em inglês de Jeffrey H. Kaimowitz (2008) para: *multis ille bonis flebilis occidit, / nulli flebilior quam tibi, Vergili.*

⁷ Tradução nossa a partir da edição em inglês de Grant Showerman (1914). *Memnona si mater, mater ploravit Achillem, / et tangunt magnas tristia fata deas, / flebilis indignos, Elegeia, solve capillos!*

⁸ Tradução nossa a partir da edição em inglês de Grant Showerman (1914) para: *ecce, puer Veneris fert eversamque faretram / et fractos arcus et sine luce facem; / adspice, demissis ut eat miserabilis alis / pectoraque infesta tundat aperta manu! / excipiunt lacrimas sparsi per colla capilli, / oraque singultu eoncutiente sonant,*

⁹ Tradução nossa a partir da edição em inglês de J. H. Mozley (1957). *Et quisquam leges audet tibi dicere tlendi? / Et quisquam lacrimas temperat ore tuas? / Ei mihi, quam facile est, quam vis hic contigit omnes, / Alterius luctu fortia verba loqui:*

representadas lamentando a perda do homem, especialmente a mãe, Lívía (*Cons. ad Liv.*, 119-120, 165-166), o próprio imperador Augusto (*Cons. ad Liv.*, 59-72, 209-210) e mesmo uma multidão de pessoas (*Cons. ad Liv.*, 199-204). Entre esse último grupo, o poeta se representou junto aos sujeitos da aristocracia romana em lamento:

A multidão corre para a frente e, com lágrimas escorrendo pelo rosto, falam da morte do cônsul e da perda pública. Todos os olhos estão iguais, há semelhante harmonia de choro; nós, cavaleiros, estamos todos presentes nos ritos fúnebres: todas as idades estão lá, assim lamentam os jovens e os idosos, as matronas ausonianas e as filhas ausonianas. (*Cons. ad Liv.*, 199-204)¹⁰

Donka Markus (2014, p. 129) sugere que cada uma dessas obras aborda a *insinuatio* de formas distintas. Para o pesquisador, nas consolações de Horácio e de Ovídio, tal *topos* consistiria em declarações iniciais sobre os textos representarem a lamentação, enquanto na *Consolatio ad Liviam* o argumento seria para permitir que a enlutada expressasse seu luto. Já nas *Siluae*, que abordaremos no tópico seguinte, o pesquisador identifica a *insinuatio* na ênfase de Estácio em incitar o lamento de seus destinatários. Consideramos, entretanto, que essa pormenorização proposta por Markus é pouco definida, pois há uma linha tênue entre representar o lamento, permiti-lo e incitá-lo. A *insinuatio*, afinal, era um recurso retórico, podendo ser mobilizado de diversas formas para representar a livre expressão do luto.

Outra característica essencial na poesia consolatória latina era como a estrutura desses textos era elaborada para enfatizar o lamento e o elogio ao falecido, dando menor destaque ao consolo propriamente, ainda que esse elemento fosse fundamental para a estrutura poética das *consolationes* (NEWMYER, 1979, p. 21). Menandro, o Retor (séc. III EC), em seu manual de retórica, definiu que a consolação era marcada pelo lamento que glorificaria o falecido e sua morte (*Rhet.* 3, 413), por isso, o elogio e o lamento deveriam ser proeminentes nesses escritos, seguidos pela consolação (NEWMYER, 1979, p. 22). Stephen Newmyer (1979, p. 21) sugere que a *Consolatio ad Liviam* foi um poema exemplar e influente dessa literatura consolatória poética, pois a *laudatio* (encômio) e a *lamentatio* (lamento) (*Cons. ad Liv.* 1-328) são mais preponderantes na organização poética do que a *consolatio* (*Cons. ad Liv.* 329-474).

Na escrita de consolações poéticas, portanto, o lamento era um elemento essencial desde o surgimento dos epicédios. A própria estrutura poética desses textos era organizada para dar destaque à lamentação, em conjunto com o elogio ao falecido. O *topos* literário da *insinuatio* também destacava

¹⁰ Tradução nossa a partir da edição em inglês de J. H. Mozley (1957). *Obvia turba ruit lacrimisque rigantibus ora / Consulis erepti publica damna refert. / Omnibus idem oculi, par est concordia flendi: / Funeris exequiis adsumus omnis eques; / Omnis adest aetas, maerent iuvenesque senesque, / Ausoniae matres Ausoniaeque nurus.*

os poemas consolatórios pela retórica sobre a livre expressão do luto direcionada aos lamentadores e ao público desses escritores.

Vale ainda uma breve comparação dessa retórica consolatória na poesia com a abordagem de filósofos romanos, colocando em perspectiva as diferenças desses textos. Na filosofia, como brevemente apresentamos, é notável uma visão que prezava pelo controle da expressão do luto. Cícero, por exemplo, tanto em suas obras filosóficas quanto em suas cartas, escreveu que a estratégia do consolador deveria ser exortar pela restrição do lamento (BALTUSSEN, 2013, p. xv-xvi). Nas *Discussões Tusculanas*, o orador afirmou: “Estes são, portanto, os encargos dos que consolam: eliminar completamente, aliviar ou diminuir ao máximo ou suprimir a dor, e não permitir que ela se difunda para mais longe ou atinja outros seres” (*Tusc.* 3, 75)¹¹. Já em uma de suas cartas para Ático, comentando sobre o luto de Atamas, escreveu: “Mas sua dor, embora seja uma gentil fraqueza, deve ser bem controlada. Existem muitos caminhos para a consolação, mas este é o mais direto: deixe a razão trazer o que o tempo certamente trará” (*Att.* 12, 10)¹².

Essa racionalidade filosófica para enfrentar a morte de alguém, visando ao controle e não a livre expressão do lamento, também foi defendida por Sêneca (c. 4 AEC — 65EC), que condenava a demonstração excessiva do luto (*Ep.* 63, 1-2; 99, 1-2) (SCOURFIELD, 2013, p. 6-7). Em uma de suas epístolas para Lucílio, o filósofo escreveu que a conduta do enlutado deveria ser regida pela razão: “Na realidade, tudo deve ser aferido pelo critério da razão. Nada há mais estúpido do que querer ganhar a reputação de sofredor e fazer ostentação de lágrimas; lágrimas que, num homem sábio, eu entendo que podem ser consentidas ou espontâneas” (*Ep.* 99, 18)¹³.

Ambos os escritores foram influentes para a literatura consolatória filosófica (SCOURFIELD, 2013, p. 4). A abordagem pela restrição do luto ressoava com as expectativas sociais sobre o luto, pois era comumente esperado que os homens lidassem com braveza e com pouca demonstração de emoções, enquanto das mulheres seria prevista alguma manifestação pública de choro e de lamento (HOPE, 2007, p. 172). Valerie Hope (2017, p. 37) ainda acrescenta outras nuances sobre o luto em um nível mais pessoal:

Para simplificar, o luto era frequentemente apresentado tanto como um problema melhor resolvido pela ocultação, quanto como uma emoção a ser expressa completamente. Para muitos, nenhum desses extremos pode ter sido apropriado, e seu luto, antes e depois do funeral, pode ter oscilado entre a necessidade de

¹¹ Tradução de Bruno Fregni Bassetto (2004). *Haec igitur officia sunt consolantium, tolerare aegritudinem funditus aut sedare aut detrahere quam plurimum aut sopprimere nec pati manare longius aut ad alia traducere.*

¹² A partir da tradução em inglês de E. O. Winstedt (1961). *Tuus autem dolor humanus is quidem, sed magno opere moderandus. Consolationum autem multae viae, sed ilia reetissima: impetret ratio, quod dies impetratura est.*

¹³ Tradução de J. A. Segurado e Campos (2004). *Omnia itaque ad rationem revocanda sunt. Stultius vero nihil est quam famam captare tristitiae et lacrimas adprobare, quas iudico sapienti viro alias permissas cadere, alias vi sua latas.*

soluções práticas e reações emocionais orientadas para a perda. (HOPE, 2017, p. 34)¹⁴

Especialmente por parte da elite masculina romana, principal grupo almejado pelos textos filosóficos e poéticos, Hope (2017, p. 61) sugere, a partir dos relatos de Cícero sobre o próprio luto, que um lamento sofrido poderia ser aceitável desde que não fosse em público. Mas, na poesia consolatória, ao contrário da filosofia, a retórica prezava pela livre expressão do luto no espaço público, mesmo para homens e mulheres das elites, como Virgílio, Lívía, os equestres, nos quais o escritor da *Consolatio ad Liviam* se incluiu, e o próprio imperador Augusto.

Ainda que as lágrimas desses sujeitos não fossem uma representação fidedigna dos acontecimentos, a circulação da retórica da *insinuatío* nos poemas para sujeitos da elite contrastava com os valores sociais esperados. Pela luta de representações do lamento na tradição consolatória da poesia e da filosofia, é interessante pensarmos quais poderiam ser os interesses dos grupos aristocráticos em serem representados chorando. Analisar o público de todos os poemas consolatórios aqui citados vai além do escopo deste artigo e de nossa pesquisa, então, nos centraremos em compreender as representações do lamento dos destinatários nos poemas selecionados das *Siluae* de Estácio.

O lamento nas *Siluae* de Estácio

Nas representações de lamentação nas *Siluae*, a retórica da *insinuatío* é um elemento essencial no início dos poemas, não só pela permissão do poeta para que os enlutados chorassem pelas suas perdas, mas também pela incitação ao lamento. Para Atédio Mélior, por exemplo, o poeta sugeriu-lhe que seguisse em prantos até satisfazer sua vontade de chorar e cansar-se: “Ninguém te impede: o mal sacia e a dor molesta / com livre curso doma. Já cumpriu do choro / o gozo e, lasso, a prece amiga já consente?” (Silu. 2.1, 14-16)¹⁵. No poema para Flávio Urso, logo no início Estácio condenou que alguém fizesse restrições à expressão do luto: “É cruel demais quem faz julgamento às lágrimas e dá limite ao luto!” (Silu. 2.6, 1-2)¹⁶. Na mesma estrofe, pediu para que o enlutado não se constrangesse por lamentar-se: “Não reprima o seu choro, não fique envergonhado. Deixe sua

¹⁴ No original em inglês: *To put it simply, grief was often presented either as a problem best solved by concealment, or as an emotion to be expressed in full. For many, neither of these extremes may have been appropriate, and their grieving, before and after the funeral, may have oscillated between a need for practical solutions and loss-orientated emotional reactions.*

¹⁵ Tradução de Leandro Cardoso (2017). *Nemo vetat; satiare malis aegrumque dolorem / libertate doma. iam flendi expleta voluptas, / iamque preces fessus non indignaris amicas?*

¹⁶ A partir da tradução em inglês de D. R. Shackleton Bailey (2003). *Saeve nimis, lacrimis quisquis discrimina ponis / lugendique modos!*

dor quebrar as rédeas, e se tal crueldade agradar aos deuses [lacuna]” (*Silu.* 2.6, 12–14)¹⁷. Assim, mais uma vez aparece, nessa retórica da *insinuatío*, a ideia de chorar até satisfazer-se.

No caso desses dois destinatários, chama a atenção a representação de dois aristocratas lamentando profundamente por dois meninos em situação servil. Atédio Mélior estava enlutado pela morte do liberto Gláucias, enquanto Flávio Urso chorava pela perda do escravo Fileto. Pouco se sabe sobre Mélior e Urso, que nas *Siluae* foram apresentados como homens ricos e, principalmente, como sujeitos interessados por literatura (*Silu.* 2. *prae*f., 1–3, 20–21; 2.1, 8–19; 2.6, 60–68). Mélior, em especial, possivelmente esteve envolvido com um destacado círculo literário na Roma Flaviania, pois figura como endereçado de outros poemas de Estácio e de epigramas de Marcial¹⁸ (BERNSTEIN, 2005, p. 258).

Como vimos, seria aceitável o lamento masculino desde que em um espaço privado, mas Estácio representou seus destinatários chorando durante o funeral público dos jovens, descrições que poderiam ser mal vistas pelos leitores dos grupos das elites os quais os sujeitos integravam (ASSO, 2010, p. 666). Mas consideramos, junto das análises de Neil Bernstein (2005, p. 260–261) e de Paulo Asso (2010, p. 666–669), que o poeta tentou contornar possíveis críticas a essas representações ao tratar da familiaridade dos enlutados em relação aos falecidos.

Sobre o luto de Mélior por Gláucias, Estácio escreveu, logo no início do poema, que o aristocrata superava o lamento dos pais biológicos do menino (*Silu.* 2.1, 23–25) e chegou a compará-lo com leas e tigresas que perderam seus filhotes (*Silu.* 2.1, 8–9). Em outra passagem, o poeta comentou que a intensa expressão do lamento do destinatário chegou a assustar os pais do falecido, ao descrever que, no fim do funeral, Mélior teria caído ao chão, rasgado as roupas e debilitado seu corpo:

Um tremor toma o peito: no termo do rito,
próximo à pira, ó antes tão plácido Mélior,
temi! És tu o ser amável que eu conheço?
E esse ardor, as mãos sevas e o estranho tremor?
E quando junto ao chão a luz injusta enjeitas
e, aterrador, retalha a roupa e o peito teus
e coa boca os diletos olhos preme e os lábios
frios? Estavam ali a mão e o pai do morto,
afritos, mas os dois te assistem atônitos. (*Silu.* 2.1, 166–174)¹⁹

¹⁷ A partir da tradução em inglês de D. R. Shackleton Bailey (2003) para: *ne comprime fletus, / ne pudeat; rumpat frenos dolor iste diesque, / si tam dura placent* [lacuna].

¹⁸ Marco Valério Marcial (c. 38 — c. 104 EC) foi um escritor de epigramas latinos. Assim como a *Silua* 2.1, os epigramas 6.28 e 6.29 de Marcial tratam da morte de Fileto e da relação de Mélior com o rapaz (ASSO, 2010, p. 667–668).

¹⁹ Tradução de Leandro Cardoso (2017). *Horror habet sensus. qualem te funere summo / atque rogam iuxta, Melior placidissime quondam, / extimui! tunc ille hilaris comisque videri? / unde animi saevaeque manus et barbarus horror, / dum modo fusus humi lucem aversaris iniquam, / nunc torvus pariter vestes et pectora rumpis / dilectosque premis visus et frigida labris / oscula? erant illic genitor materque iacentis / maesta, sed attoniti te spectavere parentes.*

Assim, Estácio elaborou uma retórica de parentesco entre o enlutado e o falecido como uma das formas de suavizar o intenso lamento por um sujeito de baixo status social. O poema começou apresentando Glúcias como um *alumnus* (*Silu.* 2.1, 1), uma criança criada por Mélior, possivelmente para resolver o dilema sobre a expressão de luto, como se a dor fosse uma consequência natural pela perda de uma criança que foi criada em sua casa (ASSO, 2010, p. 669, 675).

Já na consolação para Flávio Urso, enlutado pelo escravo Fileto, não há uma referência evidente sobre o *dominus* tratar o rapaz como seu filho e há pouco destaque para a criação do falecido na casa do aristocrata. Sobre a relação entre os dois, Estácio escreveu que o rapaz frequentemente ajudava seu senhor com compromissos e conselhos, mas também tinha o semblante de felicidade subordinado ao humor de Urso (*Silu.* 2.6, 50-53).

Como Fileto, apesar de identificado como um *famulus*, um escravo comprado (*Silu.* 2.6, 8, 10, 21), foi representado por habilidades físicas, beleza e comportamentos de um *ingenuus*, um nascido livre (*Silu.* 2.1, 21-52), Asso (2010, p. 681) considera que seria possível que Urso se sentisse como um pai para o escravo, e por isso o poema de consolação teria sido incluído no segundo livro da coletânea, para acompanhar o epicédio para Mélior. Estácio ainda coloca em questão que o rapaz poderia não ser um escravo, devido às suas qualidades, e sugere que ele seria um modelo de filho desejado pelas noivas gregas e romanas (presumivelmente, livres) (*Silu.* 2.6, 21-24-25). Shackleton Bailey (2003, p. 150) comenta que o escravo poderia olhar para seu *dominus* de forma altiva, como se fosse um homem livre, devido ao trecho: “ele toma apenas você como senhor; mas eleva o espírito em seu rosto e manifesta o caráter em seu sangue jovem” (*Silu.* 2.6, 22-23)²⁰. Entretanto, consideramos que essa passagem e as descrições sobre os serviços que o jovem prestava ao aristocrata evidenciam a relação entre Urso e Fileto mais em termos de escravização do que como outro modelo de relação.

Estácio até representou o destinatário chorando no funeral junto aos pais do falecido, mas diferente de Mélior, que lamentava como um pai, a comparação do luto de Urso com as expressões dos parentes de Fileto não foram feitas em termos de aproximação parental, mas em destaque à intensidade emotiva por parte de todos os presentes: “[...] como seu senhor [Flávio Urso] chamou seu nome [de Fileto]! Não mais cruel sua mãe tivesse machucado seus negros braços pela lamentação, tivesse ela sido apresentada a você, nem seu pai; e certamente que seu irmão, que viu seu funeral, corou ao ser superado” (*Silu.* 2.6, 82-84)²¹. O aristocrata, assim, não nos parece

²⁰ A partir da tradução em inglês de D. R. Shackleton Bailey (2003) para: *te tantum capientis erum; sed maior in ore / spiritus et tenero manifesti in sanguine mores.*

²¹ A partir da tradução em inglês de D. R. Shackleton Bailey (2003) para: [...] *quo domini clamate sono! non saevius atros / nigrasset planctu genetrix sibi salva lacertos, / nec pater; et certe qui vidit funera frater / erubuit vinci.*

representado enlutado por um filho, mas por uma criança de seu ambiente doméstico, sendo o escravo pertencente à *domus* de seu *dominus*.

A exortação do lamento pelo rapaz parece justificada por Estácio ao tratar o *famulus* como alguém digno e merecedor de tal emoção, de modo que a retórica da *insinuatío* afirmava que Urso não deveria ter vergonha de chorar pela perda de um escravo fiel:

Por um escravo (pois a Fortuna de fato cegamente mistura os nomes e não conhece corações), por um escravo você chora, Urso, mas por um escravo fiel, que aquelas lágrimas merecia por seu amor e lealdade, cuja razão lhe deu uma liberdade além da linhagem. Não reprima o seu pranto, não tenha vergonha. Deixe sua dor quebrar as rédeas, e se tal crueldade agradar aos deuses, [lacuna] você chora um ser humano (ai de mim, eu mesmo acendo a tocha), o seu ser humano, Urso, aquele que acolheu sua doce escravidão, que nada ressentia, que fez tudo voluntariamente, imperioso para si mesmo. Quem reprovava o luto por tal morte? (*Silu.* 2.6, 8-18)²²

Os lamentos pelos jovens em relações servis, portanto, foram representados por Estácio como comportamentos intensos, o que destoava das expectativas sociais por se tratarem de aristocratas chorando por indivíduos de baixo status social e, também, por serem lágrimas masculinas que teriam sido demonstradas publicamente. Ainda que essas descrições do poeta provavelmente não fossem fidedignas às expressões reais no funeral, a retórica da *insinuatío* permitia que, na representação poética, os destinatários fossem retratados pelas emoções intensas. Ainda assim, há outros recursos retóricos do poeta para justificar a demonstração de luto desses aristocratas e evitar que fossem criticados pelos leitores das *Siluae*. Tanto o liberto Glúcias quanto o escravo Fileto foram representados como merecedores das lamentações por conta de suas virtudes em torno de seus comportamentos, suas habilidades e suas aparências, que os aproximariam das qualidades de um sujeito livre. Para Atédio Mélior, em especial, a representação da relação paternal na criação do liberto Glúcias sugeriria aos leitores que seria natural o lamento pelo rapaz, assim como seria uma demonstração da *pietas* paternal, um dever de honrar o filho.

O poema que consola Cláudio Etrusco pela morte de seu pai, um liberto imperial que ascendeu à ordem equestre (*Silu.* 3.3, 143-145), foi apresentado por Estácio, no prefácio do terceiro volume das *Siluae*, como um merecido presente pelo devoto luto do destinatário: “E a devoção de Cláudio Etrusco mereceu algum consolo do meu estilete, enquanto ele verdadeiramente lamentava

²² A partir da tradução em inglês de D. R. Shackleton Bailey (2003) para: *famulum (quia rerum nomina caeca / sic miscet Fortuna manu nec pectora novit), / sed famulum gemis, Vrse, pium, sed amore fideque / has meritum lacrimas, cui maior stemmate iuncto / libertas ex mente fuit. ne comprime fletus, / ne pudeat; rumpat frenos dolor iste diesque, / si tam dura placent *** / *** hominem gemis (ei mihi! subdo / ipse faces), hominem, Vrse, tuum, cui dulce volenti / servitium, cui triste nihil, qui sponte sibique / imperiosus erat. quisnam haec in funera missos / castiget luctus?*

com lágrimas por seu pai (algo raríssimo hoje em dia)” (*Silu.* 3. *praef.*, 15-17)²³. O dever do filho, sua *pietas*, em lidar com a morte do pai, foi um elemento abordado ao longo de todo poema. O epicédio iniciou exortando a presença de *Pietas* personificada para participar dos ritos fúnebres, presenciar as “lágrimas devotas” [*pios fletus*] do enlutado e alentá-lo (*Silu.* 3.3, 1-13).

Estácio descreveu o comportamento de Etrusco no funeral de seu pai por meio da representação de atitudes intensas, batendo no peito e chorando diante da pira funerária:

Pois quem viu o peito insaciável estourado, o abraço na pira e a curvatura sobre as cinzas, não pensaria que sua lamentação fúnebre era por uma jovem esposa ou que as chamas estavam devorando o rosto de um filho que chegava à idade adulta? É um pai pelo qual ele chora. (*Silu.* 3.3, 8-12)²⁴

Ainda que socialmente não fosse esperado que o filho lamentasse publicamente pela morte do pai, Estácio tratou essas expressões de sentimentos como práticas de devoção honráveis e dignas (*Silu.* 3.3, 21, 31-33). Dessa forma, Estácio parece sugerir que os leitores das *Siluae* compreendessem a lamentação como uma atitude de *pietas* do filho para o pai. A *insinuatío* para Cláudio Etrusco, portanto, representava sua lamentação como uma demonstração de virtude. E, como vimos, o poeta chegou a sugerir no prefácio que tal comportamento seria raro, de forma que o luto intenso foi apresentado aos leitores como uma atitude exemplar de devoção filial.

No poema para Flávio Abascanto, logo no início, seu luto foi elogiado como uma “devoção extraordinária” [*egregia pietate*] merecedora de consolo (*Silu.* 5.1, 1-6). O texto foi escrito dois anos após o falecimento de sua esposa Priscila (*Silu.* 5.1, 16-17) e há passagens nas quais Estácio escreveu sobre momentos dos ritos fúnebres da mulher, descrevendo o intenso lamento do marido, que chorava, debatia-se e reclamava de tal morte:

[...] mas quando o golpe era recente e a casa ainda escura na primeira ferida, que acesso havia então ao ouvido triste do marido enlutado? Então, todo o seu consolo era lamentar, suas roupas rasgar, cansar seu bando de servos, superando seus lamentos, e atacar as Parcas e os injustos habitantes do céu com queixas frenéticas. (*Silu.* 5.1, 18-23)²⁵

²³ A partir da tradução em inglês de D. R. Shackleton Bailey (2003) para: *merebatur et Claudi Etrusci mei pietas aliquod ex studiis nostris solacium, cum lugeret veris (quod iam rarissimum est) lacrimis senem patrem.*

²⁴ A partir da tradução em inglês de D. R. Shackleton Bailey (2003) para: *nam quis inexploto rumpentem pectora questu / complexumque rogos incumbentemque favillis / aspiciens non aut primaevae funera plangi, / coniugis aut nati modo pubescentia credat / ora rapi flammis? pater est qui fletur.*

²⁵ A partir da tradução em inglês de D. R. Shackleton Bailey (2003) para: *sed cum plaga recens et adhuc in vulnere primo / nigra domus questu, miseram qua accessus ad aures / coniugis orbat? tunc flere et scindere vestes / et famulos lassare greges et vincere plactus / Fataque et iniustos rabidis pulsare querelis / caelicolas solamen erat.*

Alguns versos depois, o poeta escreveu que Abascanto ainda sentia pela perda de Priscila, chorando “lágrimas devotas” [*pios... fletus*], que Estácio elogiou como “maravilhosa fidelidade” [*mira fides*] (*Silu.* 5.1, 30–33). Também relatou que o destinatário implorava pelo retorno da esposa, chorava perto dos altares, deixava suas marcas de luto nas portas e clamava pela misericórdia do imperador sobre o destino da consorte (*Silu.* 5.1, 161–165). A representação dessas emoções e dessas práticas destacava aos leitores das *Siluae* a *pietas* e a *fides* do marido, isto é, a devoção e o cumprimento de deveres conjugais, como se o lamento pela perda da esposa fosse algo esperado e digno.

Abascanto era um *ab epistulis*, um liberto imperial encarregado da correspondência do imperador Domiciano (WEAVER, 1994, p. 338), e Estácio sugeriu que as atitudes dedicadas desse liberto imperial em luto seriam vistas pelo imperador com aprovação e como uma prova do valor de seu trabalho:

Honra a seu espírito! O deus que governa as rédeas de todo o mundo e mais perto do que Júpiter [o imperador] dispõe das ações dos homens, ele as marca e vê você em luto, e por isso ele tira uma prova particular de seu escolhido servo [o liberto imperial], pelo que você ama a sombra [da esposa] e presta homenagem às exéquias dela. Esta é a paixão em sua forma mais casta, um amor que merece a aprovação de um mestre censor. (*Silu.* 5.1, 30–33, 37–42)²⁶

A *insinuatio* para Abascanto, então, envolveu sua lamentação junto às práticas de *pietas* conjugal, na qual a atitude do marido chorando pela esposa deveria ser entendida como uma demonstração esperada de seus deveres. Representar esses comportamentos como benquistos por parte do imperador destacava aos leitores as virtudes de Abascanto. Indicar que o lamento público masculino teria sido apreciado pelo imperador também poderia contribuir para uma melhor recepção sobre essa retórica da *insinuatio*.

Como a descrição de lamentações intensas era comum na literatura consolatória poética, propomos, ainda, que as representações das atitudes em luto destes quatro destinatários de Estácio também estavam envolvidas com o interesse destes sujeitos em serem retratados no modelo do estilo poético. Donka Markus (2004, p. 105–106) analisa que as audiências dos poetas no período imperial tinham um certo prazer pela indulgência nas expressões de luto, como apresentadas nas obras poéticas. A satisfação no lamento e nas lágrimas seria uma herança dos épicos gregos à literatura e, desde Aristóteles (*Poet.* 4.1448b, 4–24), os teóricos reconheciam que havia uma possibilidade de prazer na leitura sobre a dor e o sofrimento (MARKUS, 2004, p. 106, 108).

²⁶ A partir da tradução em inglês de D. R. Shackleton Bailey (2003) para: *nunc etiam ad planctus refugit iam plana cicatrix / dum canimus, gravibusque oculis uxorius instat / imber. habentne pios etiamnum haec lumina fletus? / mira fides! [...] macte animi! notat ista deus qui flectit habenas / orbis et humanos propior Iove digerit actus, / maerentemque videt; lectique arcana ministri / hinc etiam documenta capit, quod diligis umbram / et colis exsequias. hic est castissimus ardor, / hic amor a domino meritis censore probari.*

Como apresentamos no início do tópico, Atédio Mélior e Flávio Urso eram sujeitos de conhecimento literário. Já sobre Cláudio Etrusco e Flávio Abascanto temos poucos indícios de sua familiaridade com a leitura, além do fato de que fizeram parte do círculo de destinatários dos poemas de Estácio. Para Etrusco, o poeta ainda escreveu outro poema além da consolação, a *Silua* 1.5. E para Abascanto, Estácio escreveu uma carta onde afirmou o desejo de aproximar-se dele (*Silu.* 5. *praef.*, 11-13). Partimos da presunção, então, de que esses quatro homens eram interessados pela literatura poética e pelo trabalho de Estácio.

Os poemas épicos de Homero, em especial, estão repletos de cenas de heróis que reagiam violentamente às mortes de seus companheiros e entes queridos, demonstrações de emoções que se tornaram modelos na literatura poética sobre como lidar com o lamento (AGRELL, 2015, p. 17-19). Homero certamente era uma referência para Estácio. Nosso poeta indica que Homero era uma das figuras que seu pai preceptor ensinava à juventude latina (*Silu.* 5.3, 148-150). E como os destinatários eram afeitos a obras poéticas, supomos que eles conheciam Homero e propomos que as representações do intenso luto nas *Siluae* também foram um recurso retórico para aproximar esses aristocratas de uma narrativa heroica prezada por eles.

Uma expressão homérica identificável nas *Siluae* é justamente a que aborda o luto pelo intenso lamento de Atédio Mélior, cujo “peito ladra ao ser tocado” (*Silu.* 2.1, 12-13)²⁷ (BAILEY, 2003, p. 105), o que alude à cena da *Odisseia* em que Odisseu bate no peito por estar enfurecido com as servas que se aliaram aos pretendentes de sua esposa (Hom. *Od.* 20, 9-16). A imagem de batidas violentas no corpo também foi remetida em descrições sobre as atitudes de Cláudio Etrusco, “Pois quem o viu rebentar seu peito com lamento insaciável” (*Silu.* 3.3, 8-9)²⁸, e em uma admoestação para Flávio Abascanto, “não bata em seu peito com lamento cruel” (*Silu.* 5.1, 179-180)²⁹.

Mas ainda que Estácio inicie seus poemas com a *insinuatio* e elogie o lamento ao longo dos textos, ao fim de suas consolações o poeta exortou para que o choro de seus destinatários encerrasse. Incentivar o fim do luto era outro *topos* da literatura consolatória (AGRELL, 2015, p. 18-19). Nas *Siluae*, esse recurso retórico era acompanhado de narrativas do poeta sobre a conclusão dos ritos funerários e a chegada do falecido no mundo dos mortos. Para Mélior, logo após descrever a admissão do falecido Glúcias nos Campos Elísios³⁰ como uma boa notícia (*Silu.* 2.1, 189-207), escreveu: “Este o seu fim [de Glúcias]. Por que não fechas a ferida / e ergue a cabeça em luto

²⁷ Tradução de Leandro Cardoso (2017) para: *et admoto latrant praecordia tactu.*

²⁸ A partir da tradução em inglês de D. R. Shackleton Bailey (2003) para: *nam quis inexpleto rumpentem pectora questu / complexumque*

²⁹ A partir da tradução em inglês de D. R. Shackleton Bailey (2003) para: *saevo ne concute planctu / pectora*

³⁰ Os Campos Elísios eram considerados um destino no mundo dos mortos para sujeitos bem-aventurados, merecedores de uma felicidade no pós-morte (HOPE, 2007, p. 219).

imersa?” (*Silu.* 2.1, 208–209)³¹. Para Urso, depois de elogiar a pira funerária de Fileto (*Silu.* 2.6, 85–93), Estácio sugeriu que o destinatário já havia demonstrado o lamento necessário e era momento de finalizar:

Mas ele mesmo [Fileto] te proíbe [de lamentar]. Urso, por que cedemos à tristeza? Por que cuidar de suas perdas e amar perversamente a ferida no peito? Onde está aquela eloquência bem conhecida pelos réus aclamados para julgamento? Por que você tortura o querido espectro [de Fileto] com um luto tão selvagem? Embora ele fosse incomparável e digno de luto: você pagou. (*Silu.* 2.6, 93–98)³²

Em seguida desse trecho, nosso poeta afirmou que o falecido havia concluído a passagem também aos Campos Elísios (*Silu.* 2.6, 98–102). No poema para Abascanto, escrito dois anos depois da morte de Priscila, Estácio questionou o destinatário sobre a manutenção do luto: “Por que agora, ilustre jovem senhor, você nutre lágrimas imoderadas em seu coração e proíbe que a longa dor o abandone?” (*Silu.* 5.1, 247–248)³³. Ainda lhe perguntou se temia que a esposa tivesse algum problema na jornada ao submundo, para logo afirmar que Priscila teria chegado bem aos Campos Elísios (*Silu.* 5.1, 249–258). Para Etrusco, não houve nenhuma admoestação para o fim do lamento, mas, após descrever que o falecido pai estaria contente no mundo dos mortos, o poema termina afirmando que o enlutado estava feliz com a consolação que recebeu (*Silu.* 3.3, 205–216).

Considerações finais

As intensas atitudes de lamento representadas nas *Siluae* de Estácio, com batidas no corpo e roupas rasgadas, chorando até se satisfazerem, muito provavelmente não correspondiam à realidade dos acontecimentos nos funerais dos sujeitos elogiados. O luto dos destinatários teve tal descrição principalmente pelas convenções literárias da poesia consolatória, cuja retórica da *insinuatō* promovia a livre expressão do lamento. Como vimos, desde a origem dos epicédios, essa literatura tem a lamentação como um elemento de destaque, até mesmo na estrutura dos poemas, com a proeminência de mais versos para a *laudatio* e a *lamentatio* do que para a *consolatio* propriamente.

A abordagem consolatória da poesia destoava dos textos filosóficos, que prezavam pelo controle do lamento, especialmente em público, e pela racionalidade do luto como atitudes virtuosas.

³¹ Tradução de Leandro Cardoso (2017). *Hic finis raptō. quin tu iam vulnera sedas / et tollis mersum luctu caput?*

³² A partir da tradução em inglês de D. R. Shackleton Bailey (2003) para: *sed et ipse vetat. quid terga, dolori, / Vrse, damus? quid damna foves et pectore iniquo / vulnus amas? ubi nota reis facundia raptis? / quid caram crucias tam saevis luctibus umbram? / eximius licet ille animi meritusque doleri, / solvistī.*

³³ A partir da tradução em inglês de D. R. Shackleton Bailey (2003). *Quid nunc immodicos, iuvenum lectissime, fletus / corde foves longumque vetas exire dolorem?*

É nessa luta de representações em torno da lamentação que está inserida a retórica da *insinuatío* nos poemas 1.24 das *Odes* de Horácio, 3.9 dos *Amores* de Ovídio, *Consolatio ad Liviam* e nas consolações das *Siluae* de Estácio, poemas que questionam a necessidade de limitar o luto e tratam a demonstração do lamento como algo digno.

Sobre as representações do luto nas *Siluae*, propomos pensar que a retórica de Estácio estava de acordo com as ideias e os interesses do grupo endereçado, que se constituía de sujeitos dos grupos das elites romanas com atração pela literatura. Para os destinatários dos poemas selecionados, o lamento intenso os destacava pela demonstração de virtude, a *pietas* desses homens, e os associava com a narrativa dos textos homéricos sobre as violentas atitudes dos heróis. Mas, ainda que a retórica da *insinuatío* de Estácio afirmasse que não havia necessidade de sentir vergonha no choro, o poeta parecia buscar justificativas para essa conduta masculina em público e para evitar possíveis críticas dos leitores, seja pelas sugestões de que seria um comportamento natural pela perda de alguém familiar, seja pelas afirmações de que os enlutados estavam agindo de acordo com os deveres, como uma demonstração de *pietas*. Assim, na luta de representações sobre o lamento, as consolações de Estácio afirmam e elogiam os valores de seu grupo social e literário frente a outras representações do luto e a possíveis críticas sociais.

Obras da Antiguidade

- CÍCERO, M. T. *Discussões Tusculanas*. Tradução de Bruno Fregni Bassetto. Uberlândia: EDUFU, 2014.
- CICERO. *Letters to Atticus. Volume III*. Tradução de E. O. Windstedt. Cambridge: Harvard University Press, 1961.
- HORACE. Carmina. In: KAIMOWITZ, Jeffrey H. *The odes of Horace*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2008. 173p.
- OID. *Heroides. Amores*. Tradução de Grant Showerman. Cambridge: Harvard University Press, 1914.
- OID. *The art of love, and other poems*. Tradução de J. H. Mozley. Cambridge: Harvard University Press, 1957.
- SÉNECA. *Cartas a Lucílio*. Tradução, Prefácio e Notas de J. A. Segurado e Campos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.
- STATIUS. *Silvae*. Edição, tradução e introdução de D. R. Shackleton Bailey. Cambridge: Harvard University Press, 2003.

Referências bibliográficas

- AGRELL, Beata. Consolation of Literature as Rhetorical Tradition: Issues and Examples. *LIR. journal*, n. 4, 2015. Disponível em: <<https://ojs.ub.gu.se/index.php/LIRJ/article/view/3462>>. Acesso em: 4 set. 2021.

- ASSO, Paolo. Queer Consolation: Melior's Dead Boy in Statius' *Silvae* 2.1. **American Journal of Philology**, n. 4, 2010. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/40983384>>. Acesso em: 19 jun. 2021.
- BALTUSSEN, Han. Introduction. In: BALTUSSEN, Han. (Ed.). **Greek and Roman Consolations: Eight Studies of a Tradition and its Afterlife**. Swansea: The Classical Press of Wales, 2013. p. xiii-xxv.
- BERNSTEIN, Neil W. Mourning the *puer delicatus*: status inconsistency and the ethical value of fostering in Statius, *Silvae* 2.1. **American journal of philology**, n. 2, 2005. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/3804901>>. Acesso em: 7 jun. 2021.
- CARDOSO, Leandro. Estácio: Chorando o moço. In: CARVALHO, Raimundo; *et al.* **Por Que Calar Nossos Amores? Poesia Homoerótica Latina**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p. 219-236.
- CAWSEY, Fiona. Statius, *Silvae* II. iv: More than an ex-parrot? **Proceedings of the African Classical Associations**, v. 17, 1983. Disponível em: <<https://casa-kvsa.org.za/paca/paca-volume-17-1983/>>. Acesso em: 26 dez. 2020.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1990. 244p.
- DIETRICH, Jessica S. Dead parrots society. **American Journal of Philology**, n. 1, 2002. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/1562003>>. Acesso em: 26 dez. 2020.
- HOPE, Valerie. **Death in ancient Rome: a sourcebook**. Abingdon: Routledge, 2007. 273p.
- HOPE, Valerie. Living without the dead: finding solace in ancient Rome. In: TAPPENDEN, Frederick; DANIEL-HUGHES, Carly. (Org.). **Coming Back to Life: The Permeability of Past and Present, Mortality and Immortality, Death and Life in the Ancient Mediterranean**. Montreal: McGill University Library, 2017. p. 39-70.
- MARKUS, Donka D. Grim Pleasures: Statius's Poetic *Consolationes*. **Arethusa**, n. 1, p. 105-135, 2004. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/44578395>>. Acesso em: 10 set. 2021.
- MYERS, K. Sara. *Psittacus Redux*: Imitation and Literary Polemic in Statius, *Silvae* 2.4. In: MILLER, John F; *et al.* (Ed.). **Vertis in usum**. Berlim: De Gruyter, 2002. p. 189-199.
- NEWMYER, Stephen Thomas. **The Silvae of Statius: Structure and Theme**. Leiden: Brill, 1979. 134p.
- SCOURFIELD, J. H. D. Towards a genre of consolation. In: BALTUSSEN, Han. (Ed.). **Greek and Roman Consolations: Eight Studies of a Tradition and its Afterlife**. Swansea: The Classical Press of Wales, 2013. p. 1-36.
- WEAVER, Paul R. C. Confusing Names: Abascantus and Statius, *Silvae* 5.1. **Echos du monde classique: Classical views**, n. 3, 1994. Disponível em: <<https://muse.jhu.edu/article/651899/pdf>>. Acesso em: 17 dez. 2020.
- WERNER, Erika. *At non inglorius umbris mittitur*: Epitáfios e epicédios dedicados a animais no contexto greco-romano. In: WERNER, Christian; SEBASTIANI, Breno Battistin; DOURADO-LOPES, Antonio Orlando (org.). **Gêneros poéticos na Grécia Antiga: confluências e fronteiras**. São Paulo: Humanitas, 2014. p. 219-241.

